



BATISTA, Carolina Lopes. *Quod scripsi, scripsi*: uma aproximação possível entre Soror Pimentel e José Saramago. In: **Revista Épicas**. Ano 3, N. 6, Dez 2019, p. 1-17. ISSN 2527-080-X.

QUOD SCRIPSI, SCRIPSI:¹ UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL ENTRE SOROR PIMENTEL E JOSÉ SARAMAGO

QUOD SCRIPSI, SCRIPSI: A POSSIBLE APPROACH BETWEEN SOROR PIMENTEL AND JOSÉ SARAMAGO

Carolina Lopes Batista²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ

RESUMO: De acordo com o calendário cristão, há dois mil e dezenove anos, Jesus Cristo nasceu. Tal acontecimento, tão importante para o imaginário cristão, é narrado em apenas dois capítulos do livro de Mateus e, brevemente, em um capítulo de Lucas, que compõem a Bíblia. Assim, dois autores, separados por mais de 300 anos e com diferentes propósitos a partir de seus escritos, revisitaram as circunstâncias que envolveram o nascimento daquele que deveria salvar a humanidade, acompanharam a vida da sua família e dedicaram especial atenção a passagens pouco consideradas no texto sagrado. Este artigo pretende analisar a passagem sobre a morte dos bebês de Belém pelo ponto de vista de Soror Maria de Mesquita Pimentel, em seu *Memorial da Infância de Cristo*, e de José Saramago, em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, com o auxílio de autores como Fabio Mario da Silva, Isabel Morujão, Teresa Cristina Cerdeira, entre outros.

Palavras-chave: Soror Maria de Mesquita Pimentel; José Saramago; Imaginário cristão.

SUBSTRACT: According to the Christian Calendar, two thousand and nineteen years ago Jesus Christ was born. Such event, of major importance to the Christian imaginary, is narrated in only two chapters in the book of Matthew, and briefly in one chapter of Luke, which are part of the Bible. Thus, two authors, more than 300 hundred years apart and having different purposes with their writings, revisited the circumstances involving the birth of the one who should save mankind, and followed the life of his family, devoting special attention to passages less popular in the holy book. The present article aims to analyze the passage about the death of the babies of Bethlehem from the perspective of Soror Maria de Mesquita Pimentel, in her *Memorial of the Childhood of Christ*, and from José Saramago's, in *The gospel*

1 "O que escrevi, escrevi". Palavras ditas por Pilatos em João 19:22 e que foram usadas como epígrafe de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*.

2 Doutoranda em Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras, área de Estudos da Literatura, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestra em Letras Vernáculas no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Título obtido em julho de 2018.

according to *Jesus Christ*, resorting to authors such as Fabio Maria da Silva, Isabel Morujão, Teresa Cristina Cerdeira, among others.

Keywords: Soror Maria de Mesquita Pimentel; José Saramago; Christian imaginary.

Então, se cumpriu o que fora dito por intermédio do profeta Jeremias: Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto, [choro] e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem.

(Mateus 2:17,18)³

Introdução

Soror Maria de Mesquita Pimentel é uma autora pouco conhecida e, conseqüentemente, pouco estudada. Isabel Morujão, em seu artigo “Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: *O Memorial da infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel”, publicado em 1998, chega a dizer que, até a época do artigo, a segunda e a terceira partes eram desconhecidas, tendo informações contraditórias sobre o paradeiro dessas obras – alguns diziam que permaneceram manuscritas, sem nunca terem sido publicadas; outros afirmavam que elas foram guardadas no Real Convento de Alcobaça, mas teriam sido perdidas. No entanto, a historiadora Antónia Fialho Conde, afirmou ter encontrado os dois tomos faltantes na Universidade de Évora e apenas em 2016 foram publicados para o público em geral por Fabio Mario da Silva, quando se propõe editar a trilogia completa da autora, desde o livro impresso até os manuscritos, tarefa realizada com esmero para os dois primeiros tomos, visto que o terceiro tomo tem previsão de ser publicado em breve.

José Saramago, por outro lado, possui uma ampla lista de estudos sobre seus romances, peças, crônicas, artigos e qualquer coisa que já tenha publicado. Ainda assim, é sempre possível retirar novos temas, problemas e críticas dos vastos textos saramaguianos, que nunca se limitam a apenas uma discussão em qualquer que seja seu trabalho.

Fazer um trabalho comparativo entre dois autores tão distantes temporal e culturalmente – uma católica e um ateu; ambos tratando de textos religiosos –, portanto, poderá trazer mais interesse para os estudos tão importantes relacionados à Pimentel e um novo olhar para o romance de Saramago, em um mundo ocidental que ainda é fortemente influenciado pelos dogmas cristãos. Abordando um trecho que poderia passar despercebido por leitores das três obras – a Bíblia aqui inclusa –, a ordem da morte de crianças dada pelo rei Herodes foi a centelha que incentivou o fogo deste artigo.

Voltando às origens...

A história do nascimento de Jesus Cristo, salvador cristão da humanidade, é amplamente conhecida no Ocidente, mas as circunstâncias em torno de tal acontecimento são brevemente narradas no livro de

³ As citações bíblicas são todas da segunda edição da Sociedade Bíblica do Brasil, publicada em 2007.

Mateus, capítulo 1, do versículo 16 ao capítulo 2, versículo 23.⁴ Nesses curtos versos, é contado todo o momento inicial: José era marido de Maria, que ficou grávida de Jesus. José pensou em deixá-la, mas um anjo apareceu e o convenceu do contrário. Em seguida, o cenário passa ao reino de Herodes, que recebe os Magos os quais pedem informação sobre o nascimento do rei dos hebreus. Furioso, Herodes pede que, caso eles o encontrem, que o informem imediatamente para que ele possa fazer reverência ao recém-nascido. A visita dos magos é contada ainda no capítulo 2 e o aviso do anjo para que não retornassem também. Em seguida, antes mesmo de Herodes perceber que fora ludibriado, o anjo aparece a José e o avisa para que vá embora, pois o rei tentará matar Jesus. E então, em apenas dois versículos – citados na epígrafe –, narra-se a morte das crianças hebreias com menos de dois anos em Belém, para, por fim, contar da morte do rei Herodes e a ida de José, Maria e Jesus a Nazaré.

Os versículos 17 e 18 sobre o assassinato das crianças, na verdade, são um eco do que aparece em Jeremias 31:15, porém, dessa vez, são palavras vindas da voz do próprio Deus. Ramá é uma cidade das terras de Benjamin, sendo Raquel, na Bíblia, mãe do personagem homônimo. Esse trecho, portanto, ao ser repetido quase que de forma idêntica duas vezes em diferentes situações, transmite a ideia de uma metáfora em que “os filhos” por quem chora são os pequenos habitantes de Benjamin – logo, também seus filhos. Contudo, ainda podemos entender “Raquel” como a representação de todas as mães daquele lugar.

Ainda que tal passagem tenha pequena – se não, nenhuma – importância bíblica no andamento da história da vida e morte de Jesus, ela teve especial destaque em duas obras que, embora sejam de épocas distantes uma da outra e sejam escritas em diferentes gêneros com propósitos contrastantes, contam a vida do Deus encarnado em homem.

Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor – Soror Maria de Mesquita Pimentel

O ensino da leitura e da escrita às mulheres eram atividades pouco comuns entre os séculos XVI e XVIII, segundo Vanda Anastácio, em *Uma antologia improvável: a escrita das mulheres (séculos XVI a XVIII)* (2013). E mesmo quando este ocorria, estava ligado à religião e aos trabalhos domésticos. Os principais espaços de escolarização e produção literária no período de Soror Pimentel – século XVII – eram os mosteiros e conventos e, não por acaso, a quantidade de monjas escritoras, com obras publicadas, era considerável (SILVA, 2014a). No entanto, a diferença do que se era ensinado para os religiosos homens e para as mulheres era evidente:

Nem mesmo às freiras, de quem se esperava a entrega à vida espiritual e a participação cotidiana em cerimônias religiosas celebradas em latim, se aconselhava um conhecimento profundo dessa

4 No livro de Lucas, capítulo 2, há também passagens sobre o nascimento de Cristo, todavia, este entra mais em detalhes sobre a aparição dos anjos e dos magos louvando o menino e sobre a circuncisão do recém-nascido, enquanto o livro de Mateus foca no resumo de toda a linhagem até chegar em Jesus Cristo, na santa concepção, nas mensagens dos anjos, na repercussão que o nascimento teve no reino de Herodes, na partida da família e na ida para Nazaré. Dessa forma, a morte dos bebês com menos de 2 anos, tema deste artigo, não é citada em Lucas.

língua, ou a aplicação ao canto de hinos religiosos, e muito menos a autonomia na escolha das leituras a fazer. [...] apesar de ter havido um número significativo de autoras que encontraram na vida religiosa e no espaço conventual uma via de acesso à escrita e ao estudo, no interior dos mosteiros femininos se dava uma atenção bem maior ao controlo do acesso a livros e a saberes do que à aprendizagem e ao desenvolvimento de capacidades intelectuais (ANASTÁCIO, 2013, p. 31).

Além disso, Anastácio também chama a atenção para o fato de haver uma preocupação diferenciada da instrução feminina dependendo da classe social, isto é, que uma mulher da aristocracia saiba ler e escrever e tenha conhecimento da cultura erudita e do latim é louvável, porém uma senhora de camada inferior, casada e com filhos, e que trabalha como servente, o ideal é que dedique seus dias a Deus e à família.

Em um convento, existem inúmeras mulheres de diferentes procedências e que ali estão por diversos motivos, sejam eles compulsórios ou voluntários, portanto, nem todas tinham os mesmos conhecimentos. Inclusive, a quantidade de freiras e monjas letradas era pouco significativa e, no Mosteiro de S. Bento, local onde Pimentel professou, somente a abadessa, a priora, a subpriora e a escritã dominavam a escrita (SILVA, 2016). Ora, Pimentel foi priora duas vezes – por três anos cada – e deputada, que, segundo Fabio Mario da Silva, funcionava como uma espécie de conselheira com voto de decisão em assuntos importantes. Além disso, embora o censor Frei Damaso da Apresentação diga que ela não havia cursado escolas, Soror Maria vinha de uma família aristocrata e de Évora, uma cidade em ascensão econômica.

Desse modo, Évora atraiu profissionais gabaritados de outras regiões e países, provenientes de várias áreas do conhecimento, inclusive da literatura e cultura portuguesas, que viveram ou passaram pela cidade, tais como Luís de Camões, Gil Vicente, Bernadim Ribeiro, Garcia de Resende, João de Barros, Diogo de Arruda e Vasco da Gama, entre outros (SILVA, 2016, p. 20).

Assim, foi possível a Pimentel ter instrução dentro e fora do mosteiro sobre escrita e leitura, incluindo epopeias.⁵ Contudo, sendo ainda uma religiosa, escreveu sobre “o único amor que lhe seria permitido cantar, o de Cristo, e da sagrada família” (SILVA, 2015a).

Publicado em 1639, por Jorge Rodrigues, o *Memorial da Infância de Cristo* é a parte I de três da primeira epopeia em língua portuguesa escrita por uma mulher. Os nomes são bem claros sobre seu conteúdo: a primeira parte trata da infância de Cristo, iniciando, porém, na queda de Lúcifer, Adão e Eva e a concepção de Maria; a segunda fala sobre os milagres do filho de Deus – e por isso chama-se *Memorial dos Milagres de Cristo* –; e, por fim, o *Memorial da Paixão de Cristo* abarca sua morte e sua ressurreição. Para Fabio Mario da Silva, organizador da publicação da trilogia, os três livros possuem todas as características próprias do gênero,

[...] como, por exemplo, a existência de prólogo e de dedicatória, divisão em cantos, uso de deuses greco-romanos como agentes da acção (o que neste texto se dará em menor escala), adaptando o gênero épico ao discurso religioso. Quanto à estrutura e ao ritmo, observa-se que cada canto é precedido de um pequeno argumento, em estrofe de 8 versos, como assim é também distribuído em toda a obra, com o propósito de fazer um pequeno resumo ao leitor, num cumprimento quase que didático (SILVA, 2015a, p. 170).

⁵ Sua biografia possui informações contraditórias e algumas lacunas. Para saber mais, cf. SILVA, 2016.

A primeira parte, que aqui é a que nos interessa, é dividida em dez cantos, com um total de 907 versos heroicos (SILVA, 2015a), que narram, de forma laudatória, os acontecimentos que, na Bíblia, são abordados brevemente apenas em 32 versículos. E Pimentel separa quase metade do canto VIII (estofes 1-36) para descrever a morte das crianças, indo desde a preparação do terrível momento até as notícias do massacre que chegaram a José e Maria. Assim, é possível notar que, conquanto a base de seus cantos seja a Bíblia, ela se permite ir além, acrescentando elementos – inclusive fantásticos –, inserindo acontecimentos de textos não canônicos⁶ e reinterpretando as histórias tantas vezes lida, descrevendo-as a partir de sua visão, justamente para trazer o material grandioso de uma aventura épica. Posto isso, comecemos a leitura do canto VIII.

É interessante perceber, no princípio do canto, uma narração muito similar a uma arte que não estava nem próxima de existir ainda: o cinema. Na primeira estrofe, a visão começa de cima – do céu e da parte de superior das casas – e vai abaixando até as ruas da cidade, e a forma com que os elementos surgem prendem a atenção do leitor pelo mistério dos acontecimentos: anoitece sobre as casas das mães que, sem saber do que está por acontecer, dormem depois de um dia cansativo de trabalho. A tensão aumenta quando, de repente, nas ruas vazias de Belém, algo insólito surge:

Quando seu largo véu a noite escura
Sobre a mãe dos viventes estendia,
E de toda a humana creatura
Com repouso o trabalho fenecia;
Com pompa tão funesta quão segura
Um portento em Belém aparecia
Digno de se escrever com larga história,
E de estar sempre vivo na memória (PIMENTEL, 2016, p. 277).

Uma procissão sinistra se aproxima: quatro seres carregam varas nos ombros, que sustentam uma quinta criatura. As quatro que servem de base são o Esquecimento, a Mudança – que vêm na dianteira – o Desengano e a Desconfiança – seguem logo atrás.

Um as funestas andas enlutadas
Quatro vultos em seus ombros traziam
Com quatro funerais bem ofuscadas
Tochas, que em suas mãos com fúria ardiam:
E nas escuras fronteiras tão cravadas
As letras de seus nomes reluziam,
Que assi se lem, reinando a noite avara
De luz, como se o dia dominara.

Eram Esquecimento, e mais Mudança
Os dous escuros vultos dianteiros,
Que guiando a funesta e triste dança,
Mostravam seus efeitos verdadeiros:
O Desengano e a Desconfiança
Nas espaldas lhe vão, como parceiros,

⁶ Sobre isso, ler MORUJÃO, 1998; MUHANA, 2016.

E quem eles nos ombros vão levando,
Os vai no ser que tem, sempre aumentando (PIMENTEL, 2016, p. 277).

A que está sendo carregada sob um manto possui um corvo pousado em seu ombro e a figura fantasmagórica parece aumentar à medida que a narração prossegue com mais detalhes sobre o funeral que avança pelas ruas. Essa aparição é a Morte, pois em sua boca cabem todos os seres vivos e dela saem a Perseguição e a Consumpção – destruição lenta, mas progressiva. Ela tem a aparência de uma idosa, posto que nasceu após o pecado de Adão, e a ornamentação de sua anda é de dores humanas. Mais adiante, a narração a chama de “Inexorável Átropos e irada” (PIMENTEL, 2016, p. 278), nome dado à mais velha das três moiras, ou parcas, da mitologia greco-romana e a responsável por cortar o fio da vida (BRANDÃO, 1986). A referência a uma figura mitológica não está isolada na estrofe citada. Ao longo de todo o livro e mesmo no canto VIII, há menção a Cumea, Apolo (ou Febo), Hécuba, Leda, Marte e Arimaspos. Isso ocorre, pois é elemento comum em epopeias a mistura de elementos mitológicos com os cristãos (SILVA, 2015b).

A narração assim continua:

Tirou-a um anão dentre seus braços
Que de dous anos tinha a estatura
E por Belém lhe manda que dê passos,
Em busca da inocência mal segura:
Que lhe corte da vida os doces laços,
Porque Deus na suprema e imensa altura
Com eterno saber tem destinado
Ser o seu prazo assi tão limitado (PIMENTEL, 2016, p. 279).

Nesse trecho, o anão que sai dos braços da Morte e caminha pela cidade em busca das crianças não é medido por metros, mas por idade, pois dois anos é o prazo de vida imposto pelo rei Herodes.

Aqui também devemos chamar a atenção para a possibilidade de um comentário pessoal com uma leve crítica: Deus tem conhecimento de tudo que acontecerá e a morte iminente das crianças era algo que já estava fadado a acontecer. Faz parte dos planos divinos e Soror Pimentel reconhece isso. No entanto, ao escrever que Deus está apenas observando em sua “suprema e imensa altura”, a passagem traz à mente um conhecido trecho da épica camoniana:

Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno? (CAMÕES, 1968, p. 37).

Como explica Adma Muhana, em “Um épico no feminino” (2016), Luís de Camões e seu *Os Lusíadas* não deviam ser completamente desconhecidos por Soror Maria de Mesquita Pimentel. Na verdade, há fortes indícios de influência desse e de outros poetas nas três partes do *Memorial*, portanto, poderia ser esse comentário uma queixa ou dúvida a respeito dos eventos que estão prestes a acontecer, sob um eco camoniano.

As cenas descritas logo em seguida, sobre os soldados de Herodes matando os bebês, são de extrema violência, mas também estão carregados de sofrimento da própria voz de quem narra.

Às vezes sem tocar golpe de espada,
Para si o filhinho a mãe tirando,
E puxando o algoz com mão irada,
Se ficava entre os dous despedaçando.
Outras vezes com fúria endiabrada
Co minino às paredes atirando,
Se lhe abria a cabeça, e as mãis viam
Os miolos que dela saíam (PIMENTEL, 2016, p. 280).

Com detalhes pormenorizados da morte das crianças e o desespero das mães, a narradora vai seguindo casa por casa dos moradores de Belém. Sobre isso, pode-se levantar duas questões. A primeira diz respeito ao cumprimento das “normas” do gênero trabalhado. António José Saraiva, na introdução a uma edição de *Os Lusíadas*, escreve que os elementos bélicos, tanto para Luís de Camões quanto para outros poetas épicos, era “a actividade nobre e viril por excelência, aquela em que os homens dão a prova máxima da capacidade humana” (2014, p. 17-18). Como, então, colocar uma das partes essenciais desse tipo de texto em um tema tão pouco bélico quanto o “amor divino” e a infância do Menino Jesus? Fabio Mario da Silva (2015c) aponta que essa é justamente a função dos anjos na obra de Pimentel, porém também o é a cena da morte das crianças. O outro ponto está relacionado, talvez, a uma opção pessoal da arte da autora.

A Virgem Maria é a principal figura do *Memorial da Infância de Cristo*. É a ela que dedica sua obra; é ela que deu à luz àquele que vai salvar a humanidade; foi ela que deu *pediu* para ser fecundada por Deus – como é demonstrado no canto II, estrofes 43-44 e 83: “Com que fervor em lágrimas banhada / Pondo-se de giolhos tais quais setas / Diria estas palavras tão discretas!” (PIMENTEL, 2016, p. 131) –; e é quase sempre do seu ponto de vista que ocorrem as ações. Os adjetivos para descrevê-la são sempre grandiloquentes e sua importância surge mesmo na época da formação do mundo, sendo descrita como mulher, santa, mãe e até deusa. Ela é respeitada e adorada por todos os seres que por ela passam. Indo na contramão dos épicos escritos por homens, a mulher representada por Maria não é aquela que facilita a viagem do herói – personagem que intermedia o humano e o sobre-humano –; ela é a heroína. Todavia, essa imagem da Virgem não era assim tão incomum na literatura entre os séculos XVI e XVIII, já que ela era o ideal inalcançável de mulher: ao mesmo tempo mãe – aquela que cumpre sua “função” na sociedade – e virgem – se mantém imaculada do pecado.

A necessidade de demonstrar um corpo incorruptível e delicado, cumprindo o estereótipo atribuído às mulheres, mas elevando-o às categorias heróicas de bravura e vigor físico, obedecendo às regras da narrativa épica, leva à construção de uma nova forma de elevar este corpo à categoria de beleza. Toda a narrativa desenvolve um novo ideal de mulher, Maria como símbolo maior, combatendo a “feminil fraqueza”, referência à Eva [...]

A figura da Virgem Maria configura-se, pois, nesta epopeia, como o modelo feminino para alcançar o sagrado. [...] seja através da imagem de *mater dolorosa*, que encoraja o “masoquismo feminino”, seja da Mãe de Deus na sua extraordinária apologia da maternidade oblativa [...] (SILVA, 2014a, p. 58-59).

Se Soror Pimentel usa a figura da Virgem Maria como modelo feminino de *mater dolorosa*, mas com bravura e vigor físico, não é menos verdade que, no canto VIII, isso se estende para outras figuras maternas.

Embora não sejam santas por não serem puras, o fato de serem mães que sofrem e lutam pelos seus filhos faz com que sua narradora as descreva com compaixão e enobrecimento – basta perceber que não há, em nenhum momento, a presença de um pai ou outros membros da família nas cenas. É importante também chamar atenção para o que Pimentel faz questão de mostrar: as diferentes reações que cada mulher esboça ao se confrontar com o perigo. Assim como não existe só um tipo de mulher no mundo, também existem diferentes personagens femininas: algumas imploram; outras choram; por vezes tentam esconder a criança ou se oferecer no lugar dela; outras acabam por morrer ao ver seu filho sem vida. Três, contudo, ganham maior destaque na narrativa. A primeira tenta defender a cria com violência, o que não só é perdoado pela autora, devido ao ato contra o qual se defendia, como é elogiada – “devia ela ser mulher inteira”:

Outra vendo que o algoz do filho tira,
(Devia ela de ser mulher inteira)
Lhe atassalhou a mão, ardendo em ira,
Cos dentes, e mostrou não ser cordeira:
Que a um, que contra o mesmo Deus conspira,
É bem se trate assi desta maneira;
Que não é culpa ter afeto irado,
Quando a tal ira for contra o pecado (PIMENTEL, 2016, p. 281).

A segunda implora ao homem e aos céus que troque a vida do pequeno pela dela, justificando que o céu “de clemência nunca é avaro”; mas ao ser ignorada por ambos, substitui as lágrimas por raiva:

Qual saluçando diz: Espelho claro
Destes já cegos olhos, quem pudera
Dar a vida por vós, e menos caro
À rigurosa dor tributo dera!
Ó Céu, pois de clemência nunca avaro
Conheceis minha dor tão dura e fera,
Em esta ocasião trocai a sorte,
O filho tenha vida, e a mãe a morte.

Qual diz ao Troglodita e inumano,
Vendo levar o seu belo luzeiro,
Para fazer o efeto desumano,
Que faz o voraz lobo ao cordeiro:
Causa de minha dor, se sois humano,
E de pai tendes zelo verdadeiro,
Eu vos rogo, que abrandeis a vontade,
E tendeis deste filho piedade.

Ele ouvidos cerrando ao doce encanto,
Lhe degola o cordeiro paciente,
Ela vertendo fúria em triste pranto
Vingança quer tomar da dor que sente:
Espera-me, ó covarde (diz), que enquanto
O sangue deste Abel, justo inocente
Pola justa vingança a Deus dar vozes,
Minhas mãos contra ti serão algozes.

Qual gritando lhe diz Tigres Hircanos,
Estes os prêmios são a nós devidos?
Mofinas das mulheres, que seus danos

Granjeiam, pois se perdem por perdidos!
Não vedes que rasgai, ó desumanos,
Retratos, em que estais tão esculpidos?
Mas só porque convosco se parecem,
Merecem muito bem, que se rompessem (PIMENTEL, 2016, p. 282-283).

O que se nota na voz dessa mulher – a desistência do aguardo da clemência divina para tentar ajudar a si mesma, já que ninguém mais vem ao seu socorro – é mais abertamente posto nas palavras da última.

Ó Salvador do mundo (outra vozea)
Pois que vens a salvar, por que condenas?
E com tão atrocíssima cadea
Nos ligas na prisão de tantas penas?
Vem, Salvador divino, e a sombra fea
Com tuas luzes claras e serenas
Logo se ausentará do povo amigo,
Vem, porque sinta Herodes teu castigo (PIMENTEL, 2016, p. 283).

Um eco de “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Marcos 15:34), o que poderia ser considerado heresia pelos censores ou outros leitores da época, não foi julgado assim pela sua autora, pois a situação é tão terrível de se imaginar que, ao se colocar em seus lugares, “o entendimento se suspende, / Quando em considerá-las mais entende” (PIMENTEL, 2016, p. 281).

Os clamores foram ouvidos em todos os lugares e até a natureza se compadeceu. Assim como no início a câmera parecia descer e percorrer o cenário, no final da chacina, a notícia vai se espalhando pelos céu, pedras, flores, rios e vento. Como vozes ou trompas que contam uma notícia, a história vai viajando pelos elementos até que chega na casa de José e Maria. Em contraste com o cenário de horrores descrito longamente, a paz e a harmonia em que vivem a família santa é um choque de mudança. Ali, a Mãe das mães chora pelas vidas inocentes derramadas, acompanhada por José e Jesus.

[...] José, e a belíssima consorte
Se sentiram ferir, sem resistência,
De uma dor apertada e lastimosa,
Que as almas lhes trespassa rigurosa.

Desde a planta do pé até o cabelo
Igualmente os trespassa um tremor frio,
E entre o fogo ardente e mais regelo
Vertem do coração o sangue em fio.
O minino Jesus fermoso, belo,
De quem manando está da glória o rio,
Vendo chorar a mãe e o casto esposo,
Chora dando sinais de estar medroso (PIMENTEL, 2016, p. 285).

E com o choro da família santa, termina o episódio do assassinato dos bebês de Belém.

***O Evangelho segundo Jesus Cristo* – José Saramago**

É conhecida a admiração dos escritores portugueses pela História, como podemos perceber pelas crônicas de Fernão Lopes entre os séculos XIV e XV, a épica de Luís de Camões, os contos e romances de Herculano, entre outros exemplos. No entanto, até então, o passado histórico era visto como verdade absoluta e indiscutível, fechada em si mesma. O século XX vem questionar esse lugar soberano da História e do historiador, entendendo que os acontecimentos anteriores só podem ser reconstruídos através de fragmentos de algo que já foi, mas já não é mais.

O Pós-Modernismo português, movimento cultural-literário iniciado no final do século XX, no qual podem ser inseridos, para citar apenas alguns, Lídia Jorge, Antônio Lobo Antunes e José Saramago, surgiu questionando essa suposta parcialidade. Esse período da literatura, embora não possa ser colocado como uniforme e com características fechadas, possuía uma tendência à recuperação de ficções e acontecimentos históricos para desconstruí-los:

Algumas dessas inovações [do Pós-Modernismo]: a tendência para rearticular, não raro de forma paródica e provocatória, gêneros narrativos recuperados do passado ou de zonas antes entendidas como subliterárias (epopéia, romance histórico, romance epistolar, romance de aventuras, romance policial, relatório, reportagem, biografia etc.); a enunciação de discursos de índole assumidamente intertextual, como processo de incorporação na narrativa de outros textos literários e não-literários, às vezes (e de novo) em termos parodísticos; a elaboração de engenhosas construções metadiscursivas e metaficcionais, como se o discurso ficcional fosse um domínio de autoquestionação permeável a indagações de índole metateórica; a concepção da narrativa como campo propício à problematização e mesmo à deslegitimação de narrativas fundadoras ou identitárias; a reescrita da História em clave ficcional e mesmo em registro alegórico, sob o signo de uma relativização axiológica generalizada, em termos ideologicamente distintos do que ocorrera no Romantismo (REIS, 2004, p. 25).

Muitas das características citadas por Carlos Reis encontram-se nos romances de Saramago – mesmo que não todas de uma vez. Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, lançado em 1991, não obstante, para alguns, possa não ser uma reescrita da História por conta da não comprovação científica dos acontecimentos, Saramago faz um discurso parodístico e problematiza as narrativas fundadoras da cultura cristã, mexendo, assim, de certa forma, na História Ocidental, já que, até os dias atuais, esta ainda é influenciada e direcionada por valores do cristianismo.

Saramago, no livro mencionado, publicado três séculos após Soror Maria de Mesquita Pimentel empreender e consolidar o projeto de abordar toda a vida e a morte de Jesus Cristo, usa como base a Bíblia e, da mesma forma que a monja, reescreve, acrescenta – bastante, afinal, por ser um texto amplamente conhecido, usa-o apenas como referencial (CERDEIRA, 1999) – e apresenta a sua perspectiva das narrações dos Evangelhos. No entanto, ao contrário da autora do século XVII, seu objetivo não era evangelizar, mas, sim, transgredir o texto bíblico, criticar uma religião que acreditava ser repleta de contradições e injustiças,

além de trazer maior destaque a um Jesus, não santo, porém humano, bastante terreno e repleto de questionamentos.

[...] estamos diante de um romance, e não de um tratado de teologia. A sua proposta é claramente ficcionalizante e esse Jesus feito personagem é o único a quem se deu alguma vez o direito de repensar o Evangelho. [...] E é esse texto, que apenas virtualmente é vida, por ser inapelavelmente textualização da experiência, que se torna passível de releitura, de reconstrução, de reinterpretação, de reescritura (CERDEIRA, 1999, p. 51).

Ademais, como não podia deixar de ser, em um romance saramaguiano, a voz dos esquecidos é ouvida e seu valor aumentado. Não à toa, assim como Pimentel, o autor amplifica a importância pouco dada no Livro Sagrado à morte das crianças.

Antes da cena propriamente dita, é preciso voltar quando o narrador se demora a contar a história de Herodes.⁷ Herodes, em *O Evangelho...*, era um homem já mentalmente perturbado: sente um comichão constante por conta de um ferimento na perna, “como se as mandíbulas miudinhas e ferozes de cem mil formigas lhe estivessem roendo o corpo, infatigáveis” (SARAMAGO, 2005, p. 66). Essa comparação não é por acaso em um autor que, em *Levantado do chão* – publicado em 1980 –, já dá especial atenção às formigas, animal-símbolo da união de um povo contra aqueles que o oprimem (BATISTA, 2018). Assim, o comichão de Herodes ligado ao sonho que começa a ter com o profeta Miqueias anunciando a vingança de Deus o deixam “às portas da loucura”:

Coberto do pó das batalhas, com a túnica manchada de sangue vivo, Miqueias entra no sonho de rompante, em meio de um estrondo que não pode ser deste mundo, como se empurrasse com mãos relampejantes umas enormes portas de bronze, e anuncia em estentórea voz, O Senhor vai sair da sua morada, vai descer e pisar as alturas da terra, e logo ameaça, Ai dos que planeiam a iniquidade, dos que maquinam o mal em seus leitões, e o executam logo ao amanhecer do dia, porque têm o poder na sua mão, e denuncia, Cobiçam as terras e apoderam-se delas, cobiçam as casas e roubam-nas, fazem violência ao homem e à sua família, ao dono e à sua herança (SARAMAGO, 2005, p. 67-68).

Como era um homem cruel e sem arrependimentos – já havia matado a esposa, o sogro, o cunhado e seu próprio filho –, essas ameaças constantes param de fazer o efeito assustador de um sonho profético. Sua atenção às palavras de Miqueias só retorna, levando-as a sério, quando este anuncia um novo rei, que já está nascido e se encontra em Belém. Após pesquisar nas Escrituras o possível significado das palavras do sonho e pedir ajuda a um sacerdote do templo para a interpretação, ordena, então, duas coisas: a primeira, a morte do sacerdote, para que ninguém fique sabendo sobre o novo rei; a segunda, a já narrada morte dos pequenos.⁸

No dia seguinte, José acordou cedo sem sonhos. Foi trabalhar na construção de um templo e quando chegou ao local, parou para descansar:

⁷ Como José Saramago não divide a maior parte de seus livros em capítulos ou outra forma de segmentação facilmente identificável, falaremos apenas sobre a narrativa, sem localizá-la fisicamente.

⁸ N’*O Evangelho...*, Saramago coloca que a ordem de Herodes era para matar as crianças menores de três anos, mas tanto na Bíblia quanto na épica de Soror Maria, a idade contada era a de dois anos.

[...] antes que o manajero desse sinal de repegar o trabalho, podia continuar sentado, ou mesmo deitar-se, fechar os olhos e entregar-se à comprazida contemplação de pensamentos bons [...]. Abriu de repente os olhos, sobressaltado, crendo que se deixara adormecer e não ouvira o sinal, mas fora apenas uma breve sonolência” (SARAMAGO, 2005, p. 84).

Acordou sobressaltado não por causa de avisos, mas porque não esperava adormecer enquanto aguardava o início do trabalho. No entanto, sentia-se incomodado – apenas não sabia o motivo –, assim resolveu dar uma volta. No retorno do passeio, andou ao lado de um muro de pedras que separava seu caminho de uns guardas que conversavam, e, dessa forma, ouviu frases entrecortadas, mas que, juntas, fizeram-no entender o que Herodes pretendia assim que anoitecesse. No desespero de salvar seu filho, correu para o local em que estava hospedado, um pouco fora de Belém.

Devemos lembrar que, tanto no livro de Mateus quanto na epopeia de Soror Pimentel, Herodes fica sabendo do nascimento do Menino Jesus através dos Magos e não por anúncios divinos, enquanto José recebe o alerta de um anjo em um sonho, antes mesmo da medida ter sido ordenada. Essa inversão de situação traz uma culpabilização maior de Deus e de José para o massacre ocorrido. Se Deus não avisou José com antecedência e ainda mandou sonhos premonitórios para Herodes, atizando-o a cumprir os planos para que Jesus fosse engrandecido, o sangue das crianças está nas mãos divinas, mas “como sempre desde que o mundo é mundo, para cada um que nasce, há outro que agoniza” (SARAMAGO, 2005, p. 66). Por outro lado, na Bíblia, José não fazia ideia de que outras crianças seriam feridas pois tudo o que o anjo diz no sonho é: “Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar” (Mateus 2:13). Em *O Evangelho...*, entretanto, José ouve a notícia dos guardas e a narrativa faz questão de apontar as vidas que ele poderia ter salvo no caminho de volta até sua família:

Desvairado, atropelando agora quem lhe aparecesse por diante, derrubando tabuleiros de grutas e gaiolas de pássaros, até a mesa de um cambista, quase sem ouvir os gritos furiosos dos vendilhões do Templo, José não tem outro pensamento que irem matar-lhe o filho, e nem sabe porquê, dramática situação, este homem deu a vida a uma criança, outro lha quer tirar, e tanto vale uma vontade como a outra, fazer e desfazer, atar e desatar, criar e suprimir. De súbito pára, apercebe-se do perigo se continuar nesta correria desabalada, aparecem por aí os guardas do Templo e prendem-no, sorte inexplicável foi ainda não terem dado pelo tumulto. Então, disfarçando o melhor que podia, como piolho que se acolhe à protecção da costura, insinuou-se pelo meio da multidão, e num instante tornou-se anónimo, a diferença era apenas que caminhava um pouco mais depressa, mas isso, no meio do labirinto de gente, mal se notava (SARAMAGO, 2005, p. 86-87).

Nem o avistamento de crianças brincando na rua o fez refletir sobre os alertas que poderia dar. Ao contrário, viu nas crianças um indício de que ainda não começaram as mortes, já que estavam todas vivas.

[...] mas o indício mais seguro ainda é o que lhe dão as crianças, jogando os seus jogos inocentes, sem mostra da excitação bélica que delas se apodera quando bandeira, tambor e clarim desfilam, e aquele ancestral costume de irem com a tropa, se os soldados tivessem passado não se veria aqui um só garoto, pelo menos escoltariam o destacamento até à primeira curva, acaso um deles, de mais forte vocação castrense, os decidiria acompanhar até ao objectivo da missão, e assim ficaria a conhecer o que o espera no futuro, matar e ser morto (SARAMAGO, 2005, p. 87-88).

No caminho, ainda passou pelo túmulo de Raquel, agora fazendo o narrador claramente uma referência à passagem canônica já mais de uma vez abordada: “Já passa em frente do túmulo de Raquel, nunca esta mulher pensou vir a ter tantas razões para chorar os filhos, cobrir de gritos e clamores as pardas colinas ao redor, arranhar-se a cara, ou os ossos dela, arrancar-se os cabelos, ou ferir o desnudo crânio” (SARAMAGO, 2005, p. 88). Com medo de não encontrar Maria e o menino, quando se aproxima da gruta em que estão, bate de porta em porta perguntando por ela, mas dissimulando o desespero, justamente para não ter que mentir ou contar o que está para suceder. Por fim, quando encontra a mulher e o filho, insiste que partam dali sem que lhes dê qualquer explicação.

Diferentemente do José de Soror Pimentel, que age como um servo de alguém que sabe ser superior a ele, o José de Saramago é um homem comum, um homem de família que vive sob uma lógica cultural do tempo em que está inserido, e, por isso, em seu desespero de salvar Maria e Jesus, grita com a esposa e ordena que ela lhe obedeça sem questionamentos.

“Já sabemos ser José carpinteiro de ofício” (E, p. 29) e, se sobre isso é redundante insistir, opta por uma visão interna do personagem, fala de suas limitações, de sua piedade, de sua medida previsível, de sua impossibilidade de grandes vôos.

Cada personagem, na verdade, adquire seu estatuto na ficção, herdando o que lhe convém como traços referenciais da tradição, mas transgredindo quase sempre o que dele se esperava por referência a esta mesma tradição (CERDEIRA, 1999, p. 58).

Da mesma forma Maria: esta obedece ao marido e, quando estiver crescido, ao filho, pois longe de ser santa ou virgem, é apenas mãe, esposa e mulher. Temerosa de apanharem seu bebê quando ouve passos no lado de fora, lembra que, nas semanas anteriores, se isso ocorresse, não sentira medo por achar impossível alguém querer machucar uma criança, esquecendo, assim como José, de que outros filhos que não o seu estão sendo massacrados: “não se lembrou Maria de que mesmo agora mataram os meninos de Belém, alguns, quem sabe, no próprio colo das mães, como no da sua se encontra Jesus, ainda os inocentes sugavam o leite da vida e já a lâmina do punhal lhes feria a delicada pele e penetrava na carne tenra” (SARAMAGO, 2005, p. 92).

Não conseguem sair, pois a matança na cidade começou. Gritos e choros terríveis ecoam por toda Belém. Após as vozes na cidade diminuírem a ponto de chegarem a ser apenas choros baixos, o anjo aparece, o mesmo que apareceu anunciando a sua gravidez e que Maria não tem certeza se é divino ou demoníaco. Este surge novamente para dizer que o plano de Deus fora cumprido: antes faltavam as mortes e o crime de José. Embora Saramago não descreva com detalhes a morte dos bebês como o fez Pimentel, o acontecido será lembrado até mais da metade do livro pelos gritos e choros causados pelo pesadelo diário de José – no sonho, ele é um soldado e está indo matar Jesus. Quando ele morre, suas ferramentas, suas sandálias e sua sina – pesadelo e morte por crucificação – passam para Jesus, como uma herança maldita. Essa sina é dada pelo anjo, que diz não ser anjo de perdões, que o fato de José não ter pensado direito não o exime da culpa e que antes seria possível perdoar Herodes do que José.

O Deus do romance de Saramago é, como afirma Fernando Venâncio (1992), em sua resenha para o livro *O Evangelho...*, com traços parodísticos, alguém cruel, mal-humorado, instável, maníaco e ciente de todos os horrores que acontecerão no futuro em seu nome. Dessa forma, não é de se surpreender que seus anjos sejam frios, o filho deva pagar pelos pecados do pai e que esse mesmo pai, por sua vez, deva sofrer por ter feito o plano de Deus ser cumprido – mesmo que, por vezes, tanto ele quanto Maria pensem que escaparam por obra do acaso e não de Deus.

Aqui seria conveniente abordar duas aproximações possíveis das releituras bíblicas analisadas. Da mesma forma em que no *Memorial da Infância* Maria sofreu pelas mães que perderam seus filhos, em *O Evangelho...*, ela também se compadece: “Maria estava agora chorando com as outras mulheres, todas sentadas em círculo, com os filhos no regaço, à espera da ressurreição” (SARAMAGO, 2005, p. 94). Outro fator que aproxima as duas obras é a ausência do sofrimento dos pais no lamento das crianças, o que, ironicamente, comenta o narrador: “A mesma noite cobre o carpinteiro José e as mães das crianças de Belém, dos pais não falamos, nem de Maria, que não são para aqui chamados, se bem que não discernamos os motivos duma tal exclusão” (SARAMAGO, 2005, p. 97).

No entanto, como dito anteriormente, não há descrição das mães implorando ou vendo seus bebês sendo feitos em pedaços como na épica, mas há comentários do narrador que nos recordam passagens do *Memorial...*, como as passagens a respeito da impassibilidade dos céus e de Deus nas alturas distantes: “[...] não eram os anjos chorando sobre a desgraça dos homens, eram os homens enlouquecendo debaixo de um céu vazio” (SARAMAGO, 2005, p. 90). Indo além, a narrativa aborda a injustiça de outros serem mortos pelo simples fato de não estarem citados em uma profecia: “Esse é o carpinteiro José, pai dum rapaz que ainda não tem dois meses, e chama-se Jesus, talvez seja ele o da profecia, que dos nossos filhos nunca lemos ou ouvimos que estivessem destinados a realezas, e agora ainda menos, que estão mortos” (SARAMAGO, 2005, p. 90-91). Esse e outros comentários do narrador fazem parte da narrativa saramaguiana e funcionam como ferramenta da transgressão da História e da Bíblia:

Aliás, quando nos deixamos seduzir pelos romances de José Saramago não é difícil perceber que grande parte dessa sedução nasce do nosso envolvimento com a figura do narrador. É ele que parafraseia, parodia, se apropria impunemente do discurso do outro para amalgamá-lo no tecido novo do seu discurso onde se cruzam muitas falas, cultas ou populares, citações camonianas e provérbios que fazem parte do inconsciente cultural da língua. É ele que ousa transformar a citação nesse trabalho consciente e maduro de quem passeia com intimidade pela língua para criar voluntariamente um texto de “segunda mão” (CERDEIRA, 1999, p. 53).

Após a morte do pai, Jesus passa a ter o pesadelo, tal qual havia predestinado o anjo. Todavia, ainda que seja o mesmo sonho, ele acontece do ponto de vista de Jesus, “como se o pai e o filho, cada um em seu lugar, o estivessem, ao mesmo tempo, sonhando” (SARAMAGO, 2005, p. 151). Depois de muito questionar sua mãe, descobre que o sonho do pai era o mesmo e quais foram as circunstâncias que ocasionaram o princípio dos sonhos. Jesus, então, desesperou-se e também culpou o pai, pois sua omissão e covardia causaram as mortes tanto quanto os soldados e as ordens de Herodes.

As mãos de Jesus subiram de repente até ao rosto como se o quisessem rasgar, a voz soltou-se num grito irremediável, O meu pai matou os meninos de Belém, Que loucura estás dizendo, mataram-nos os soldados de Herodes, Não, mulher, matou-os o meu pai, matou-os José filho de Heli, que sabendo que os meninos iam ser mortos não avisou os pais deles, e quando estas palavras ficaram todas ditas ficou também perdida a esperança de consolação. Jesus lançou-se para o chão, a chorar, Os inocentes, os inocentes, dizia ele [...] (SARAMAGO, 2005, p. 153-154).

E o narrador corrobora a culpa de José: “um rapazito a chorar por um antigo erro cometido por seu pai” (SARAMAGO, 2005, p. 154), porém inocenta Maria, quando Jesus também a acusa: “São assim os juízos da adolescência, radicais, na verdade Maria estava tão inocente como os meninos assassinados” (SARAMAGO, 2005, p. 154), deixando clara a sua posição. A opinião do narrador aparece novamente muito mais adiante na história. Ao ter o significado do sonho revelado, Jesus, com imensa dor e tristeza, abandona a família, levando apenas as sandálias do pai, em busca de alguém que o ajudasse a livrar-se do peso que recebera.

Acabara de pôr-se o sol quando Jesus tornou a pisar o chão de Nazaré, quatro longos anos contados, mais semana menos semana, sobre aquele dia em que daqui fugiu, criança ainda, afligido por um mortal desespero, para ir pelo mundo à procura de alguém que o ajudasse a entender a primeira verdade insuportável da sua vida. Quatro anos, mesmo arrastados, podem não ser bastantes para sarar uma dor, mas, no geral, adormecem-na. Perguntara no Templo, refizera os caminhos da montanha com o rebanho do Diabo, encontrara Deus, dormira com Maria de Magdala, este homem que para cá vem não parece já sofrer, tirando aquela humidade dos olhos de que temos falado [...] (SARAMAGO, 2005, p. 242).

Finalmente, depois de todas as suas experiências, não sofria mais e, ao estar debaixo do mesmo teto onde tivera o primeiro pesadelo, sonhou, pela última vez, com o pai, mas, nessa noite, foi diferente. Ele já não vinha mais para matá-lo, pois Jesus estava agora reconciliado consigo mesmo e com José. E o narrador explica: “e por que é que graças a tudo isto, reunido e posto por ordem, se puderam juntar o pai e o filho, apesar da culpa de um não ter perdão e a dor do outro não ter remédio” (SARAMAGO, 2005, p. 248).

Considerações Finais

Com espaço temporal de mais de 350 anos, dois autores, de diferentes gêneros e diferentes dificuldades próprias do seu tempo e de sua vida, decidiram reescrever, uma a partir da epopeia e outro, do romance, cenas da vida de Jesus Cristo, trazendo no texto palavras e visões pessoais de acontecimentos que, em vários momentos, eram apenas pincelados no Livro Sagrado para os cristãos. Utilizando-se de intertextualidades e, mais do que tudo, criatividade, buscaram expor cenas não completamente desvendadas.

Soror Maria de Mesquita Pimentel, mulher, católica, monja e autora, sentiu-se tocada pelo amor divino de outra mulher, a Virgem Maria, sem deixar de lado as tantas outras mulheres que também foram mães e que também sofreram pela morte dos frutos de seus ventres sem nunca serem lembradas. Com o intuito de espalhar a palavra de Deus e de Nossa Senhora, em *Memorial da Infância de Cristo*, Pimentel

ousou, também, mostrar o lado humano, com suas dúvidas, lutas e angústias, pois o divino só existe em contraste com o fraco humano, esse “bicho da terra tão pequeno”.

José Saramago, por outro lado, era um homem, comunista e ateu, que, por conta da publicação d’*O Evangelho segundo Jesus Cristo*, sofreu censuras, recriminações e perseguições, sendo forçado, em 1993, a mudar-se para Lanzarote, na Espanha. Em seu livro, ele não coloca um Deus apenas ausente e alheio do sofrimento humano, mas também causador dos males na terra, contrapondo divino e terreno, dando maior destaque e importância a este último. Da mesma forma, aponta para os erros humanos, que independente das intervenções místicas, causam ou deixam causar dores em outros iguais. Deve-se entender, por fim, que a intenção de Saramago ao trazer o texto bíblico não seria o de aniquilar a tradição cristã, “mas para, parodicamente, corrosivamente, fazê-la falar em tempos novos e não eternos” (CERDEIRA, 1999, p. 54).

Ainda que com propósitos bastante opostos, Maria (Pimentel) e José (Saramago) fizeram uma releitura de Maria, José e Jesus – e, no caso de Saramago, Deus – bíblicos, o que, segundo Teresa Cristina Cerdeira (1999) já é, por si só, um ato sacrílego, posto que tocaram no que não deveria ser tocado e deixaram suas marcas pessoais. Além disso, deram voz e humanidade àqueles que somente haviam sido citados por seus choros e lamentos.

Referências bibliográficas

- ANASTÁCIO, Vanda. **Uma antologia improvável**: a escrita das mulheres (séculos XVI a XVIII). Lisboa: Relógio D’Água, 2013.
- BATISTA, Carolina Lopes. Fragmentos da memória de um povo: as histórias de caça e o bestiário em *Levantado do Chão*. **Revista Desassossego**, São Paulo: USP, v. 19, 2018.
- BÍBLIA Sagrada: antigo e novo testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 1.
- CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Coimbra: Atlântida Editora, 1968.
- CERDEIRA, Teresa Cristina. *O Evangelho segundo Jesus Cristo* ou a consagração do sacrilégio. **Cad. CESPUC de Pesq.**, Belo Horizonte, n. 4, jan. 1999.
- CONDE, Antónia Fialho. Espaço literário feminino: a obra de Maria de Mesquita Pimentel. **Humanitas Supplementum**: Espaços e Paisagens – Antiguidade Clássica e Heranças contemporâneas, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume, v. 2, [2009?].
- SILVA, Fabio Mario da. A Virgem Maria, a heroína épica de Soror Maria de Mesquita Pimentel (1581-1661). **Navegações**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, jan.-jun. 2014a.
- _____. Notas de investigação sobre a primeira “epopeia feminina” em língua portuguesa. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 24, n. 49, jul.-dez. 2014b.
- _____. O épico revisto por Soror Maria de Mesquita Pimentel. **Todas as Musas**, São Paulo, ano 6 n. 2, jan.-jun. 2015a.
- _____. Febo Apolo na trama épica de *Memorial da Infancia de Christo e triumpho do divino amor* (1639) de Soror Maria de Mesquita Pimentel. **Anu. Lit.**, Florianópolis, v. 20, n. 1, 2015b.
- _____. A função dos anjos na epopeia de Soror Maria de Mesquita Pimentel. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, ano 10, v. 23, jul.-dez. 2015c.
- _____. As mulheres e a cultura escrita dos séculos XVI ao XVIII. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 3, set.-dez. 2015d.

- _____. Introdução. In: PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. **Memorial da infância de Cristo e Triunfo do divino amor (primeira parte)**. Organização, notas e estudos introdutórios de Fabio Mario da Silva. São Paulo: Todas as Musas, 2016.
- MORUJÃO, Isabel. **Contributo para uma bibliografia cronológica da literatura monástica feminina portuguesa dos séculos XVII e XVIII (impressos)**. Lisboa: Centro de Publicações da Universidade Católica Portuguesa, 1995.
- _____. Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: *O Memorial da infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel. **Via Spiritus**, Porto: Centro Transdisciplinar, Cultura, Espaço e Memória Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 5, 1998.
- MUHANA, Adma. Prefácio: Um épico no feminino. In: PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. **Memorial da infância de Cristo e Triunfo do divino amor (primeira parte)**. Organização, notas e estudos introdutórios de Fabio Mario da Silva. São Paulo: Todas as Musas, 2016.
- PENA, Abel N. Recensão crítica. **EVPHROSYNE**: Revista de Filologia Clássica, Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras de Lisboa, v. 14, 2017.
- PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. **Memorial da infância de Cristo e Triunfo do divino amor (primeira parte)**. Organização, notas e estudos introdutórios de Fabio Mario da Silva. São Paulo: Todas as Musas, 2016.
- REIS, Carlos. A ficção portuguesa entre a Revolução e o fim do século. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 15-45, 2. sem. 2004. Dossiê Literatura Portuguesa, pt. I.
- SARAIVA, António José. Introdução. In: CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. 4. ed. Lisboa: Figueirinha, 2014.
- SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- VENÂNCIO, Fernando. José Saramago: O Evangelho segundo Jesus Cristo. **Colóquio Letras**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkiann. 125-126, jul. 1992.